

ALLAN KARDEC

SUA VIDA E SUA OBRA



ANDRÉ DUMAS

PENSE - PENSAMENTO SOCIAL ESPÍRITA
www.viasantos.com/pense

ANDRÉ DUMAS

Secretário da Union des Sociétés Francophones
pour l'Investigation Psyquique et l'Étude de la
Survivance (USFIPES) Paris - França

ALLAN KARDEC
SUA VIDA E SUA OBRA

ESTUDOS PSÍQUICOS EDITORA

Titulo original:

Allan Kardec, sa vie et son oeuvre

Tradução de:

Maria Raquel Duarte dos Santos

Edição Digital:

Pense - Pensamento Social Espírita

www.viasantos.com/pense

março de 2009

Direitos reservados em língua portuguesa

Edição de:

Estudos Psíquicos Editora

Rua do Salitre, 149, 1º, Dir.

1200 Lisboa - Portugal

Tel. 556605

Composição e impressão:

Tipografia. Marques & Monteiro, Lda.

R. Diogo Rodrigues, 13 – Montijo

Depósito Legal n.º 3486/83

ÍNDICE

Apresentação	3
Allan Kardec, sua Vida e sua Obra	5
O Pedagogo	6
Um Investigador Prudente	7
Precursor da Parapsicologia	11
A Matéria e o Fluido Universal	16
Allan Kardec Evolucionista	24
Allan Kardec e as Religiões	28
O Método de Allan Kardec	34

APRESENTAÇÃO

André Dumas, escritor e dirigente espírita francês, foi presidente da União Espírita Francesa (UEF) e diretor da *Revista Espírita* na década de 1970. Por muitos anos administrou o legado de Kardec e seus seguidores. No entanto, é mais lembrado pela mudança do nome desta tradicional instituição espírita, em 1976: União Científica Francofônica para a Investigação Psíquica e o Estudo da Sobrevivência da Alma (USFIPES), em vez de UEF.

Nesse mesmo ano, para desagrado dos espíritas, principalmente brasileiros, a tradicional revista fundada por Kardec deixa de circular. Em seu lugar Dumas lança um periódico denominado *Renâitre 2000*. Segundo ele, as palavras *espírita* e *spiritismo* se descaracterizaram em seu verdadeiro significado, vinculando-se ao misticismo, ao religiosismo. Por isso a mudança.

O resultado foi a completa marginalização de Dumas e a briga jurídica com a União Espírita Francesa e Francofônica, fundada por Roger Perez em 1985, pelos direitos da *Revista Espírita*. Dois anos depois a instituição obtém sentença judicial favorável a Perez e a revista volta a circular novamente após 12 anos de interrupção, mas agora com um conteúdo mais religioso e doutrinante.

Apesar de ser lembrado como uma espécie de traidor, de Judas da causa espírita, Dumas foi um dirigente e um intelectual espírita importante na história do Espiritismo francês. Sua visão, laica e filosófica, destoava da grande maioria dos espíritas, notadamente os brasileiros, afeitos a concepções religiosas e sectárias, influenciados em demasia pelos cânones do cristianismo. Além desta obra, Dumas escreveu *La science de l'âme: initiation méthodique à l'étude des phénomènes supranormaux et aux théories de la métapsychologie*, inédita no Brasil, e vários artigos para a *Revista Espírita*. André Dumas desencarnou em 1997.

Este ensaio biográfico que o **Pense** lança com exclusividade, em edição digital, foi distribuído em 1983 na forma de opúsculo, como um suplemento, uma separata da revista espírita portuguesa *Estudos Psíquicos*. A tradução é de Maria Raquel Duarte Santos, esposa de Isidoro Duarte Santos, fundador do periódico; ambos com eminente atuação no movimento espírita português, ao tempo da ditadura de António Salazar.

ALLAN KARDEC, SUA VIDA E SUA OBRA

Hippolite Léon Denizard Rivail, que se tornou conhecido pelo pseudônimo céltico de Allan Kardec, nasceu em Lyon (França) a 3 de outubro de 1804, oriundo duma família de advogados e magistrados. Foi, portanto, num ambiente marcado pelo estudo da ciência e da filosofia que decorreu a sua adolescência. No entanto, a época em que viveu era pouco propícia ao exercício do livre-pensamento. O Império havia proibido todos os ensinamentos que pudessem contribuir para despertar e desenvolver o espírito crítico e, principalmente, o ensino da filosofia (1), culminando com autos-de-fé em praças públicas das obras de Rousseau e Voltaire. As famílias mais abastadas enviavam seus filhos para fora de França, a fim de fazerem seus estudos, sendo assim que Léon Rivail foi enviado para Yverdon (Suíça), onde frequentou o Instituto Henri Pestalozzi, iniciador da pedagogia moderna, cujos ensinamentos se baseiam no desenvolvimento simultâneo das qualidades físicas e intelectuais e no despertar gradual da criança segundo a sua ordem natural.

(1) Albert Malet, *História de França*, de 1779 a 1875.

Foi na Escola de Pestalozzi, onde chegou a ser colaborador, que em Léon Rivail se desenvolveram as qualidades que mais tarde fariam dele um homem de ciência e um livre-pensador. Além disso e embora nascido na religião católica e sofrendo a influência do meio em que vivia — um país protestante—, bem cedo concebeu a ideia de uma reforma baseada na unificação das crenças.

Quando Léon Denizard voltou a Paris, a fim de fundar o Instituto Técnico estruturado no método de Pestalozzi, já havia adquirido uma sólida formação científica e moral, falando numerosas línguas, assegurando-nos um dos seus biógrafos que era "Doutor em Medicina, tendo feito todos os seus estudos médicos e apresentado brilhantemente a sua tese." (2)

(2) Henri Sausse: *Biografia de Allan Kardec*. Esta afirmação é posta em dúvida por André Moreil: *A Vida e Obra de Allan Kardec*. Capítulo II, 6, II "O Estudante".

O PEDAGOGO

Léon Rivail publicou numerosos trabalhos didáticos:

- Plano proposto para o aperfeiçoamento da instrução pública (1828);
- Curso Prático e Teórico de Aritmética (1829), a fim de ser usado pelas mães de família e professores após o método de Pestalozzi;
- Gramática Francesa Clássica (1831).

No mesmo ano foi doutorado pela Academia Real de Assis, com um estudo sobre o tema:

- Qual o sistema de estudo que mais se harmoniza com as necessidades da época?

De 1835 a 1840, organiza em sua casa, situada na Rua de Sèvres, cursos gratuitos de química, física, astronomia e anatomia comparada.

Em 1848 publica:

- Catecismo gramatical de língua francesa.

Em 1849, dirige no Lycée Polimathique cursos de filosofia, astronomia, química e física.

UM INVESTIGADOR PRUDENTE

Contrariando numerosas opiniões, aquele que viria a ser Allan Kardec era um homem ponderado, prudente e pouco dado a entusiasmos irrefletidos.

Após a sua juventude, familiarizou-se com o magnetismo e sonambulismo, prosseguindo seus estudos paralelamente com seus trabalhos pedagógicos e cursos científicos que dirigia no liceu. Quando ouviu falar da existência de mesas girantes e falantes, teve a seguinte exclamação: "histórias para adormecer". No entanto, isto não o impediu de mais tarde se interessar e interrogar sobre o assunto. Passou-se em 1854. Tinha ele 50 anos. As sessões a que fora convidado a assistir persuadiram-no de que, sob a aparente futilidade da "espécie de diversão que faziam com aqueles fenômenos", havia "algo de sério e como que a revelação duma nova lei", que a si mesmo prometeu investigar a fundo.

No entanto, ele continuava prudente:

Apliquei a esta nova ciência, como sempre fizera, o método da experimentação: jamais

utilizei teorias preconcebidas; observava atentamente, comparava e deduzia as consequências e através dos efeitos procuro remontar às causas pela dedução e o encadeamento lógico dos fatos, admitindo somente qualquer explicação como válida, quando esta resolver todas as dificuldades da questão... vislumbro naqueles fenômenos a chave do problema, tão obscuro quanto controverso, do passado e do futuro da humanidade, a solução daquilo que tenho procurado toda a minha vida; em suma, uma total revolução nas ideias e nas crenças; era, portanto, necessário agir com circunspeção, não levemente; ser positivista e não idealista, para não me deixar arrastar por ilusões. (3)

Não compartilhava do entusiasmo de alguns experimentadores, entre eles Victorien Sardou, o editor Didier e René Taillandier, membro da Academia Francesa, os quais, após cinco anos de reuniões, lhe solicitaram coligisse e organizasse, numa síntese, todas as comunicações contidas em cinquenta cadernos. Ele, porém, recusou e é através duma mensagem mediúnica pessoal, assegurando-lhe o apoio do mundo invisível, que se decidiu a aceitar tão ingrata incumbência.

Examinando estas mensagens, a fim de as coligir, as perguntas científicas e filosóficas que interpos através de vários médiuns e das pesquisas experimentais, levaram Rivail à convicção da realidade dum mundo invisível; no entanto, para ele, os espí-

(3) Allan Kardec: Minha Primeira Iniciação no Espiritismo - Livro das Previsões - Obras Póstumas).

ritos, não sendo necessariamente os detentores da Verdade, nada mais são do que a alma dos homens, sendo seu saber condicionado ao nível da sua evolução, "cada um de nós pode ensinar alguma coisa, ao passo que individualmente nenhum nos poderia ter inteirado de tudo, cabe ao observador formular o conjunto com o auxílio dos dados provenientes de várias fontes, comparados, coordenados e controlados uns pelos outros". Os espíritos foram para mim — dizia o futuro Allan Kardec — "desde o menorzinho até ao maior, veículos de informação e não reveladores predestinados".

* * *

É da síntese dos resultados desta investigação — da sua "sondagem", em suma — sobre a opinião filosófica em intercâmbio com o lado de lá, mais precisamente o lado de lá europeu em 1857, como diremos, que nasceu *O Livro dos Espíritos*.

O professor Léon Denizard Rivail, bastante conhecido pelos seus trabalhos pedagógicos, publicou esta obra com o objetivo de esclarecer um assunto tão controverso e estabelecer em bases concretas todo o esforço que lhe foi exigido, e sem qualquer evidência (4), razão por que adotou o pseudônimo de Allan Kardec, seu guia espiritual e cuja existência remontava dos tempos dos druidas.

(4) *Revista Espirita*, junho de 1865, pp. 164-165.

No entanto, o sucesso desta obra obrigou o batalhador a renunciar ao desejo de retirada. "Prontamente ao trabalho", dizia ele, "entendo dever prosseguir". Impulsionando e orientando o movimento de interesse que despertara, lança a *Revista Espirita*, cujo primeiro número aparece a público em 1º de janeiro de 1858, funda a Sociedade Parisiense de Estudos Espiritas e publica dois novos trabalhos que as circunstâncias de momento exigiam.

PRECURSOR DA PARAPSIKOLOGIA

Ao mesmo tempo que definia o espiritismo como uma teoria filosófica, Allan Kardec criava-lhe bases científicas, podendo ser considerado como o verdadeiro fundador do que hoje em dia se chama "metapsíquica" ou "parapsicologia", embora grande parte dos especialistas de outros ramos de investigação científica se esforçassem por minimizar as implicações teóricas decorrentes de tais fatos.

É o prof. Charles Richet que, em seu *Tratado de Metapsíquica*, afirma: quanto às célebres experiências de William Crookes em 1871, foi Allan Kardec o homem que "exerceu a mais intensa influência, abrindo rasgo profundo na ciência metapsíquica. Sua obra não é apenas uma teoria grandiosa e homogênea, mas também um imponente repositório de fatos." (5)

Com efeito, Allan Kardec estudou e classificou todas as categorias de fenômenos paranormais, ba-

(5) Charles Richet: *Tratado de Metapsíquica*, livro 1, § 3.º, p. 334 (Alcan, 1923).

seando a sua teoria, tal como já o havia definido nas diversas modalidades das faculdades mediúnicas:

O estudo das propriedades do perispírito, dos fluidos espirituais e dos atributos fisiológicos da alma, abre novos horizontes à ciência e fornece a chave para a compreensão de grande número de fenômenos até então incompreendidos, por desconhecimento da lei que os rege, fenômenos negados pelo materialismo, por se ligarem à espiritualidade, e qualificados, segundo as crenças, de milagres ou sortilégios. Tais são, entre outros, os fenômenos da dupla visão, da visão à distância, do sonambulismo natural e artificial, dos efeitos psíquicos da catalepsia e da letargia, da presciência, dos pressentimentos, das aparições, das transfigurações, da transmissão de pensamento, da fascinação, das curas instantâneas, das obsessões e possessões etc. Demonstrando que esses fenômenos se baseiam em leis naturais, assim como os fenômenos elétricos e as condições normais em que se podem reproduzir, o espiritismo fez derrocar o reino do maravilhoso e do sobrenatural, e conseqüentemente a fonte da maior parte das superstições, além de outras coisas consideradas por alguns como quiméricas, impedindo também de se crer em muitas outras cuja possibilidade e escassez ele demonstra. (6)

(6) Allan Kardec: A Gênese, cap. I 40 (Derby Livros).

A leitura de *O Livro dos Médiuns*, de *A Gênese* e de *Obras Póstumas*, revela-nos toda a elaboração, por Allan Kardec, das bases científicas da parapsicologia moderna; ele conhecia a telepatia, que designava por "telegrafia espiritual", a fotografia do pensamento, a clarividência, a qual denominava "lucidez", a precognição (para a qual tentou uma explicação racional), as aparições de vivos, dos fenômenos de bilocação (*out-of-body*, assim dizem os parapsicólogos anglo-americanos) e que designam pelo termo de "bicorporeidade", e os fantasmas materializados, a que deu o nome de "agêneres".

Também não ignorava, tão pouco, a ideoplastia (modelagem da matéria, subtil ou completa, pelo pensamento), que tem um papel importante na ectoplasmia e nas teorias metapsíquicas; deu numerosos exemplos das descobertas "fluídicas" do pensamento, observadas no "laboratório do mundo invisível." (7)

Num estudo publicado na *Revista Espírita* (julho de 1861), Allan Kardec escrevia:

Não se tendo em conta o elemento espiritual, a ciência encontra-se na impossibilidade de explicar uma série de fenômenos, caindo no absurdo por querer considerar tudo como matéria. É, principalmente, na medicina que o elemento espiritual tem um papel impor-

(7) Allan Kardec: *Livro dos Médiuns*, cap. VII (Derby Livros).

tante; quando os médicos não o têm em conta eles se afastam do caminho, onde muitas vezes poderão encontrar a luz que os guiará mais seguramente no diagnóstico e no tratamento das doenças.

Poderá não ter sido ele, de fato, o detentor da verdade fundamental que hoje em dia se pretende demonstrar com a psicoterapia, a psicanálise, o método de Coué, a medicina psicossomática e a sofrologia, sabendo que aquilo a que chamamos "subconsciente", a criptopsíquica (como dizia Charles Richet), é a parte oculta do ser que exerce uma influência permanente no nosso equilíbrio físico e mental e no nosso comportamento cotidiano?

Não será isso, também, uma forte intuição dos "circuitos de energia" que o Ocidente só muito recentemente conheceu e que está na base da acupuntura chinesa? E dos diagnósticos médicos praticados pelos investigadores soviéticos para a análise das "auras" obtidos com a ajuda dos processos foto-eletrônicos kirlian?

A influência do subconsciente exerce-se igualmente nos fenômenos paranormais e nas diversas formas de mediunidade, como o demonstrou Gabriel Delanne (8) e Allan Kardec jamais o ignorou.

Apesar do estudo da mediunidade como parte integrante do espiritismo ainda estar longe de se completar, estamos também longe dos tempos em que bastava crer-se no recebi-

(8) Gabriel Delanne: *Investigações sobre a Mediunidade* (Derby Livros).

mento dum impulso mecânico para nos considerarmos médiuns e estarmos aptos a receber as comunicações dos espíritos. O progresso da ciência espírita, que é enriquecido em cada dia através de novas observações, demonstra-nos todavia as diversas causas e sensíveis influências, das quais não podemos duvidar e que com todos os seus benefícios nos advém do mundo espiritual. (9)

(9) Revista Espírita, maio de 1865, pág. 155.

A MATÉRIA E O FLUIDO UNIVERSAL

A noção de "fluido" foi elaborada no século 17 e no início do século 19, pela escola magnética, com Mesmer, Puységur, Deleuze, Cachagnet e o Barão Du Potet, pelos investigadores da Reichen Back e através das experiências de Agenor de Gasparin (1853) e de Marc Thury (1858) sobre as mesas girantes.

Na obra de Allan Kardec, o fluido individual donde provém o "perispírito", elo semimaterial entre o espírito e o corpo, é uma particularidade do "fluido cósmico universal". Este corresponde ao que William Crookes mais tarde apelidou de "protyle". É a matéria elementar primitiva "da qual as modificações e transformações constituem as inumeráveis variedades dos corpos da natureza." (10)

Como princípio elementar universal, oferece dois estados distintos: o de eterização ou de imponderabilidade que se pode considerar como estado normal primitivo, e o de

(10) Allan Kardec: *A Gênese*, cap. XIV, § 2.

materialização ou de ponderabilidade, que é, de certo modo, consecutivo àquele. O ponto intermediário é o da transformação do fluido em matéria tangível; porém, ainda neste caso, não há transição brusca, pois podemos considerar os nossos fluidos imponderáveis como um termo médio entre dois estados. (11)

Estas linhas, escritas em 1868, demonstram que a noção de "fluido", segundo Allan Kardec, se integra num conceito nitidamente "monista", unitário, de substância universal e constitui uma demarcada antecipação das teorias energéticas modernas.

Numa outra passagem, ele é também bastante claro:

A matéria tangível, tendo por elemento primitivo o fluido cósmico etéreo, ao desagregar-se deve poder voltar ao estado de eterização, assim como o diamante, o mais duro dos corpos, se pode volatizar num gás impalpável. A solidificação da matéria, na realidade, não passa de um estado transitório do fluido universal, o qual pode voltar ao seu estado primitivo quando as condições de coesão cessam de existir. (12)

Estes estudos de Allan Kardec precedem, curiosamente, os de Gustave le Bon, publicados em 1906

(11) Allan Kardec: *A Gênese*, cap. XIV, § 2.

(12) Allan Kardec: *A Gênese*, cap. XIV, § 6.

e 1907, sobre a "materialização do éter" e a "volta da matéria ao éter". (13)

Precedem ainda, e em maior número, as experiências de Frédéric e Irene Juliot-Curie, sobre a materialização dum "Photo-Gama", corpúsculo de luz, em duas cargas eléctricas de tipos opostos, ou seja num "pare" constituinte elementar da matéria.

Allan Kardec parece ainda ter tido a presciência, trinta anos antes da descoberta por Becquerel, da rádioatividade:

Quem sabe mesmo se, no estado de tangibilidade, a matéria não é susceptível de adquirir uma espécie de eterização que lhe daria propriedades particulares? (14)

Em *O Livro dos Espíritos*, publicado em 1857, já encontramos ensinamentos monistas, atribuídos não só a Allan Kardec, como também aos seus instrutores espirituais; segundo estes ensinamentos, a matéria é formada por "um só elemento primitivo":

Os corpos que considerais simples não são verdadeiros elementos, mas sim transformações de matéria primitiva.

As diferentes propriedades de matéria são modificações que as moléculas elementares sofrem, por defeito da sua união, em certas circunstâncias.

(13) Gustave Le Bon: *A Evolução da Matéria* (1906);
A Evolução das Forças (1907).

(14) Allan Kardec: *A Gênese*, 1868, cap. XIV, § 6.

A unidade de substância é muito claramente enunciada. Allan Kardec, com a sua ponderação habitual, acentua:

O oxigênio, o hidrogênio, o azoto, o carbono e todos os corpos que nós consideramos simples não são mais que meras modificações duma substância primitiva. Na impossibilidade em que ainda nos encontramos de remontar, a não ser pelo pensamento, a esta matéria primitiva, esses corpos são para nós verdadeiros elementos, e podemos, sem maiores consequências, considerá-los como tais, até nova ordem.

A possibilidade das transmutações (que se obtêm nos laboratórios actuais de física atômica) é igualmente designada como consequência normal da unidade da matéria:

A mesma matéria elementar é susceptível de experimentar todas as modificações e de adquirir todas as propriedades?

*— Sim, e é isso que se deve entender quando dizemos que **tudo está em tudo.***

Quanto a sabermos se isto é exato, "a opinião dos que não admitem na matéria mais do que dois elementos essenciais: a força e o movimento, entendendo que todas as demais propriedades não passam de efeitos secundários, que variam em conformidade à intensidade da força e à direcção do movimento", os instrutores invisíveis respondem afir-

inativamente, mas insistem na estrutura interna dos elementos:

Esta opinião é exata. Falta somente acrescentar que, também, segundo a disposição das moléculas, como se vê, por exemplo, num corpo opaco que se pode tornar transparente e vice-versa.

Quanto à forma das moléculas ele é:

Constante para as moléculas elementares primitivas, mas variável para as moléculas secundárias, que são aglomerações das primeiras. Isso a que chamais moléculas está ainda longe da molécula elementar. (15)

Esta última consideração dá-nos a conhecer claramente os constituintes inter-atômicos de hoje em dia, tais como os electrões, os protões, os neutrões, demonstrando seguidamente e sem ambiguidade a afinidade entre a matéria e a eletricidade:

O fluido universal, ou primitivo, ou elementar... é suscetível de inúmeras combinações: o que chamais de fluido elétrico, fluido magnético, são modificações do fluido universal, que não ê, propriamente dito, senão matéria mais perfeita, mais sutil e que se pode considerar independente. (16)

(15) Allan Kardec: O Livro dos Espíritos, 1857, livro I, cap. II, § 24 a 30.

(16) Allan Kardec: O Livro dos Espíritos, livro I, cap. II, § 27.

A infinita variedade de formas e graus de condensação da matéria existente no universo tem sido ao longo dos tempos designada por matéria, pois entendemos que matéria é tudo aquilo que impressiona nossos sentidos e é impenetrável:

Do vosso ponto de vista isto é exato, porque não falais senão do que conheceis; mas a matéria existe em estados que ignorais. Pode ser, por exemplo, tão etérea e sutil que nenhuma impressão vos cause aos sentidos. Contudo, é sempre matéria, embora não o seja para vós. (17)

Com efeito, a ciência moderna revela-nos hoje em dia a existência no universo de estados extremamente rarefeitos da matéria; assim, a substância da estrela da Antares é um gás em média mil vezes mais impalpável do que o ar que respiramos. A densidade das nebulosas visíveis, como a Orion, é um milhão de vezes inferior à máxima até hoje conseguida do vácuo e obtida nos laboratórios terrestres. Apesar disso, a densidade destas nebulosas é ainda dez mil vezes superior à das "nuvens cósmicas provenientes dos nevoeiros que dificultam as observações astronômicas". (18)

A confirmação científica dos ensinamentos referentes à matéria recebidos por Allan Kardec, demonstram-nos ao mesmo tempo a evidente possi-

(17) Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, livro I, cap. 11, § 22.

(18) Jetan Tribaud: *Energia Atômica e Universo*.

bilidade do caráter mais ou menos "fluidico" ou mais ou menos "tangível" das formas espirituais materializadas, no decorrer das sessões espíritas.

* * *

Em 1905, um investigador nessa data ainda desconhecido, chamado Albert Einstein, demonstrou matematicamente a equivalência da matéria e da energia. Resultando — todas as técnicas "nucleares" são baseadas neste fato — que a matéria é a energia em movimento e que a massa é em função da velocidade. São os movimentos extremamente rápidos das "partículas" da energia dentro dos átomos, que produzem a massa da matéria.

Sabemos, no entanto, que a energia considerada até hoje como essencialmente impenetrável, possui uma massa e que, por exemplo, a energia irradiada pelo sol proveniente da sua substância, representa quatro milhões de toneladas de luz. Ora, em *O Livro dos Espíritos* lemos: (19)

A ponderabilidade é um atributo essencial da matéria?

— Da matéria tal como a entendeis, sim; mas não da matéria considerada como fluido universal. A matéria etérea e subtil que constitui esse fluido é para vós imponderável, e nem por isso deixando de ser princípio da vossa matéria pesada.

(19) Allan Kardec: *O Livro dos Espíritos*, 1, cap. II, § 29.

Se substituirmos "fluido", "matéria etérea", por energia, a resposta está perfeitamente de acordo com as concepções e conceitos modernos.

Allan Kardec igualmente afirma: "a gravidade é uma propriedade relativa: fora das esferas de atração dos mundos, não há peso, do mesmo modo que não há alto nem baixo", bastará substituir "esferas de atração dos mundos" por "campos de gravidade" e assim obteremos uma expressão cientificamente mais exata quanto à linguagem contemporânea.

ALLAN KARDEC EVOLUCIONISTA

O codificador do espiritismo moderno não foi somente um precursor no domínio da constituição energética da matéria, mas também no da biologia. Ensinou a transformação progressiva das espécies e a origem animal do homem. Expressando-se claramente a este respeito na sua obra de síntese, *A Gênese*, publicada em 1868:

Por pouco que se observe a escala dos seres vivos do ponto de vista orgânico, reconhece-se que, desde o líquem até à árvore e desde o zoofito até ao homem, existe uma cadeia que se eleva gradativamente sem solução de continuidade, cujos anéis têm um ponto de contato com o anel precedente: acompanhando passo a passo a série dos seres, diríamos que cada espécie é um aperfeiçoamento, uma transformação da espécie imediatamente inferior. Visto que o corpo do homem está em condições idênticas aos outros corpos, química e constitucionalmente, que ele nasce, vive e morre da mesma maneira, ele deverá ser formado nas mesmas condições.

Ainda que possa ferir o seu orgulho, o homem tem de se resignar a não ver em seu corpo material mais do que o último anel da animalidade na Terra. É este o inexcedível argumento dos fatos, contra o qual ele prostrará em vão. (20)

Aliás, não foi necessário aguardar 1868 para ele nos ensinar a doutrina da evolução. A este propósito, o capitão Bourgés escreveu no seu trabalho intitulado *Psicologia Transformista, Evolução da Inteligência*: (21)

"No decurso da sua viagem espírita em 1862, Allan Kardec visitou-nos em Provins, onde nos encontrávamos em guarnição militar. Tivemos a satisfação de ter o Mestre entre nós, durante alguns dias. Em suas conversas, ele não escondia a nossa origem animal, falando-nos do progresso que o espírito tem de conseguir para chegar à perfeição. Recomendava-nos, essencialmente, que aprofundássemos todos os ramos da ciência, assegurando-nos que através dela nos elevaríamos e encontraríamos em *O Livro dos Espíritos* os elementos que deveríamos conhecer e abraçar. Assim, em 1868 demos-lhe conta do andamento dos nossos trabalhos e da descoberta que julgávamos ter feito nos estudos das obras de Darwin, quanto à evolução do espírito, tal como hoje nos é apresentada."

(20) *A Gênese*, cap. X, § 28.

(21) Citado por Ch. Truffly, *Palestras Espíritas*, 2ª. Palestra, pp. 157-158.

Portanto, três anos somente após a publicação de *A Origem das Espécies para a Seleção Natural*, por Charles Darwin, dois anos antes do trabalho de Thomas Huxley, *O Lugar do Homem na Natureza*, no qual ele proclamava o parentesco do macaco e do homem, já Allan Kardec ensinava a origem animal do homem, enquanto que o próprio Darwin somente em 1871 abordou abertamente este problema em *A Descendência do Homem*.

Isto acontece numa época em que eminentes homens, como Fabre, Flourens, Claude Bernard e Quatrefages, uns porque eram discípulos de Cuvier, outros por razões de ordem religiosa, se opunham ao evolucionismo e sustentaram em França uma tal oposição a estas novas ideias que, em 1873, o Instituto de França recusa eleger Darwin como seu correspondente estrangeiro.

Basta situarmos Allan Kardec no ambiente intelectual da sua época, para bem avaliarmos até que ponto o seu pensamento era vanguardista.

Ele já havia, com efeito, ultrapassado, antes de Henri Bergson, Gustave Geley ou Teilhard de Chardin, a etapa estritamente materialista que o evolucionismo atravessou no seu início:

Quanto mais o corpo diminui de valor a seus olhos (os olhos do homem), mais o princípio espiritual ganha importância; se o primeiro o nivela com os ignorantes, o segundo o eleva a uma altura incomensurável.

Vemos o círculo onde o animal se detém; não vemos o limite que possa alcançar o espírito do homem.

O materialismo pode, por aí, perceber que o espiritualismo, longe de pôr em dúvida as descobertas da ciência, e sua atitude positiva, vai mais longe provocando-as, pois é certo que o princípio espiritual, que tem sua existência própria, não pode sofrer nenhum dano.

O espiritismo caminha a par com o materialismo, no terreno da matéria; admite tudo o que este admite; porém, onde o materialismo se detém, o espiritismo prossegue. O espiritismo e o materialismo são como dois viajantes que caminham lado a lado, partindo do mesmo ponto; chegados a uma certa distância, um diz: "Não posso ir mais longe"; o outro continua a sua rota e descobre um mundo novo. (22)

Substituamos "materialismo" por "parapsicologia" e teremos um mesmo programa de colaboração e de adiantamento que caracteriza o esforço da renovação que atualmente prosseguimos.

(22) A Gênese, cap. X, § 29-30.

ALLAN KARDEC E AS RELIGIÕES

É situando o pensamento e a obra de Allan Kardec no contexto da sua época que poderemos apreciar o seu caráter vanguardista, sob o ponto de vista científico. Da mesma forma podemos compreender as suas posições quanto às questões religiosas.

Quando estudamos atentamente a obra de Allan Kardec, nela encontramos três períodos distintos: após a exposição da doutrina, a parte filosófica da ciência espírita em *O Livro dos Espíritos* e depois a parte experimental, com a teoria científica dos fenômenos e sua classificação, em *O Livro dos Médiuns*.

Num segundo período, apercebemo-nos de que Allan Kardec perante o sucesso inesperado do seu primeiro trabalho, sentiu-se na necessidade não só de renunciar ao isolamento e à sua tranquilidade, como também de responder às insistentes solicitações de milhares de correspondentes ávidos de conhecer o espiritismo, embora não desejassem romper com as suas crenças, às quais se encontravam radicados. É este um período insólito e que poderemos considerar de concessão à socie-

dade. É assim que Allan Kardec — que embora desde a sua juventude tivesse acalentado a esperança duma reforma evangélica do cristianismo — sentindo-se na obrigação de esclarecer, quanto à sua religião, os cristãos que se lhe dirigiam, publica a *Imitação do Evangelho*, título primitivo do *Evangelho Segundo o Espiritismo*, e seguidamente *O Céu e o Inferno* ou *A Justiça Divina Segundo o Espiritismo*.

Entre estas obras e *A Gênese*, publicada mais tarde, medeia um pequeno período em que o "crente" cristão e o professor de ciências parecem dominar-se alternadamente e cujas contradições não podem escapar a uma análise atenta (o espiritismo estava definido não só como uma ciência positiva, tendo por base a observação dos fatos sem ideia preconcebida, como também a revelação dos ensinamentos de Jesus) e que caracterizam este seu período de confusão e mesmo de retrocesso, se considerarmos as suas consequências atuais, pois encobre gravemente o caráter não confessional, laico e universal da doutrina em sua essência.

É exclusivamente nesta parte da obra kardequiana que se apoiam as correntes ideológicas que pretendem ignorar os seus dois primeiros trabalhos e os cinco anos de pensamento ativo que decorreram entre a publicação de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* e o falecimento do Mestre, pretendendo fazer do espiritismo — isto para grande satisfação dos seus adversários — uma nova religião, tendo em vista uma certa forma de cristianismo, baseada num esquema muito elementar afastado quanto possível da real e complexa evolução religiosa da humanidade, a de uma "terceira revelação"; a dos

espíritos, em seguimento da segunda, a do Cristo, e que sucede à primeira, a de Moisés!

* * *

No entanto, a ideia do caráter universal e evolutivo do espiritismo, distinto de todos os cultos e encontrando a sua força essencial na observação científica e indução racional, domina toda a sua obra.

Na sua viagem de 1862 junto dos vários grupos da província, ele declarou que "se o espiritismo se colocasse abertamente no terreno de qualquer religião, ele se afastaria das outras", perpetuando assim "o antagonismo religioso que ele pretende esbater", que "as questões de moral são de todas as religiões e de todos os países" e que "o espiritismo é um terreno neutro no qual todas as opiniões religiosas se podem encontrar e dar as mãos." (23).

Talvez que se Allan Kardec tivesse nascido num país muçulmano, as circunstâncias fossem outras, e ele poderia ter escrito, com maior ou menor oportunidade, "O Alcorão Segundo o Espiritismo", ou se até tivesse nascido na Índia, "O Upanishads e o Bhagavad-Gita Segundo o Espiritismo".

Se os estudos sobre os textos sagrados da Índia antiga na época de Allan Kardec estivessem sufi-

(23) Allan Kardec: *Viagens Espiritas em 1862*. Instruções particulares dadas nos grupos em respostas a algumas das perguntas formuladas, XI.

cientemente desenvolvidos, certamente que ele não teria sido menos categórico, quanto ao valor dos seus ensinamentos, do que o foi o papa João XXIII quando da sua viagem à Índia.

Este ponto de vista é confirmado pela análise que insere na "Introdução" de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), comparando a doutrina de Sócrates e Platão aos princípios do espiritismo, e ainda pelo profundo estudo dedicado a Maomé e o islamismo (*Revista Espirita*, agosto e novembro de 1866) e, remontando às suas origens, descreve a mediunidade de Maomé, contesta a veracidade das narrativas difamantes, "acentua" o profundo sentimento de piedade que o animava, a ideia grande e sublime que ele fazia de "Deus", cita passagens do Alcorão relativas ao retorno à Terra "para nos corrigirmos" e a "máxima caridade e tolerância que gostaria de ver em todos os corações cristãos". (24)

É a aurora dum terceiro período, a que pode-

(24) As línguas, literaturas e religiões da Índia e da Pérsia eram muito pouco conhecidas no Ocidente naquela época. Foi o sábio orientalista Eugênio Burnouf (1801-1852) que reconstituiu, com a ajuda do sânscrito, a língua zenda empregada nos livros sacros iranianos e atribuídos a Zoroastro (Zaratustra). Através de outros trabalhos muito importantes, Burnouf revelou a origem, os princípios e a história do budismo. O primeiro tomo da sua *Introdução à História do Budismo* foi publicado em 1844. Sabemos no entanto que todo o período decorrido entre 1828 e 1849 foi inteiramente consagrado por Léon Rivail, o futuro Allan Kardec, à reforma do ensino e a seus trabalhos pedagógicos. Ele não teve nessa altura nem posteriormente, conhecimento destas investigações no domínio das religiões, pois deixou-se empolgar pela expansão do movimento que havia criado e promovera.

remos chamar de *reparação* e prosseguido por Allan Kardec até à sua morte.

Um desses últimos testemunhos, que por desejo unânime dos seus mais próximos colaboradores a "Sociedade Espírita", é o dólmen erigido em seu túmulo, como "a mais expressiva demonstração do caráter do homem e a obra que ele se esforçou por simbolizar" (*Revista Espírita*, junho de 1869). Dólmen evocador da filosofia céltica que Allan Kardec tanto admirava e que, desde a introdução do cristianismo na Gália, foi objeto — não o podemos ignorar — de cruéis perseguições, cujos monumentos, usos e tradições foram sistematicamente destruídos e desfigurados.

Este período de reparação ou correção, manifesta-se muito nitidamente com a publicação de *A Gênese, Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo* em janeiro de 1868, onde a noção de "revelação" ultrapassa o caráter um pouco primário que imprimiu nos seus dois trabalhos precedentes, a fim de apresentar a revelação permanente, contínua e progressiva da ciência, como início para o estudo do mundo físico (astronomia, geologia, paleontologia, fisiologia) e culminando no conhecimento do mundo espiritual.

Este aspecto fundamental, consolidado pelo pensamento de Allan Kardec, do qual Gabriel Delanne, através da sua obra científica, foi o continuador e porta-voz quando declarava que "o espiritismo se suicidaria se se deixasse arrastar por certas formas cultuais existentes hoje em dia" (25) — se afir-

(25) Gabriel Delanne - *As Conseqüências Filosóficas do Espiritismo*, *Revista Científica e Moral do Espiritismo*, outubro de 1910.

ma ainda no seu Projeto da Constituição do Espiritismo publicado na *Revista Espirita* (dezembro de 1868) que com seus comentários e outros textos da mesma revista recolhidos por P. G. Leymarie e publicados em *Obras Póstumas*, constituem de fato o testamento filosófico de Allan Kardec.

Confirma ele, ainda mais categoricamente, o caráter não cultural, não-sectário, não-religioso do espiritismo, que "teve como todas as coisas o seu período primário" e que definia como "resultante de milhares de observações feitas em todos os pontos do Globo, que lhe eram enviadas e que ele coligia e coordenava".

Ainda, no último número da *Revista Espirita* redigido por ele (abril de 1869) e que saiu a público no próprio dia do seu falecimento (31 de março de 1869), ele comparava a "profissão de fé espirita americana", aos princípios fundamentais da doutrina segundo "a escola europeia" tal como ele os enunciava (26) — última expressão que deu à doutrina — confirmando claramente o caráter estritamente científico-filosófico desta e a sua neutralidade total perante quaisquer tradições religiosas.

Estes princípios fundamentais, que vêm enunciados no final do presente trabalho, completam, assim, o preâmbulo do *Credo Espirita*.

(26) *Revista Espirita*, abril de 1869, pp. 102 e 106.

O MÉTODO DE ALLAN KARDEC

Em *A Gênese*, o fundador do espiritismo moderno afirma que "a ciência é convocada a constituir a verdadeira gênese, conforme as leis da natureza(27) que "se a religião se recusar a caminhar com a ciência, a ciência prosseguirá só" (28), e que: "Enquanto o homem não conheceu as leis que regem a matéria, e enquanto não pôde aplicar o método experimental, andou errando de sistema em sistema no tocante ao mecanismo do universo e à formação da Terra. Tanto na ordem moral como na ordem física se tem dado o mesmo; a fim de fixar as ideias tem faltado o elemento essencial: o conhecimento das leis do princípio espiritual. Este conhecimento estava reservado à nossa época, como o conhecimento das leis da matéria foi obra dos dois últimos séculos." (29)

Em *Obras Póstumas*, os textos da *Constituição do Espiritismo* afirmam nitidamente a necessidade de precisão e clareza em todos os pontos da doutrina e o seu caráter essencialmente progressivo:

(27) Cap. IV, § 3, 15, 16, 17.

(28) Idem, § 9.

(29) Idem, § 15.

Porque ela não se deixa embalar por sonhos irrealizáveis no presente, não se segue que deva imobilizar-se. Apoiada exclusivamente nas leis naturais, não pode variar mais do que essas leis, mas se uma nova lei for descoberta, deve juntar-se às demais; não deve fechar as portas a qualquer progresso sob pena de se suicidar; assimilando todas as ideias conhecidas como justas, quer sejam de ordem física ou metafísica, nunca será ultrapassada, sendo esta uma das principais garantias da sua perpetuidade. (30)

O exame profundo da obra de Allan Kardec, de toda a sua obra, permite-nos não nos afastarmos das linhas essenciais e definir claramente sua metodologia:

O espiritismo — escreve ele — dirige-se aos que não crêem ou que duvidam, e não aos que têm fé e aos quais esta lhes basta; ele não diz a quem quer que seja que renuncie às suas crenças para adotar as nossas e nisto é coerente com os princípios de tolerância e de liberdade de consciência que professa... acolhei dedicadamente os homens de boa vontade, dai-lhes a luz que procuram, pois com os que julgam já possui-la não temos êxitos. (31)

(30) Obras Póstumas, Constituição do Espiritismo, II - Dos Cismas.

(31) Revista Espírita, dezembro, 1863, p. 367.

Não deixaremos, contudo, de nos dirigir aos crentes, mas principalmente aos que nos procuram, pois muitos deles se tornaram materialistas por indiferença ou à falta de melhor:

Apresentemos-lhes alguma coisa de racional e eles a aceitarão pressurosos. Esses poderão compreender-nos, porque estão mais próximos de nós do que poderíamos supor.

Mas, aos materialistas diremos:

Não falemos nem de revelações, nem de anjos, nem do paraíso; eles não nos compreenderão; mas se nos colocarmos no seu terreno, provar-lhes-emos, porém, que as leis da filosofia são suficientes para nos dar razão, o resto virá em seguida. (32)

E Allan Kardec precisa o seu pensamento numa passagem que consideramos essencial e de extrema importância:

No espiritismo, a questão dos espíritos está em segundo lugar, não constituindo seu ponto de partida... Sendo os espíritos simplesmente a alma dos homens, o verdadeiro ponto de partida, é, portanto, a existência da alma. Ora, como pode então o materialista admitir a existência de seres que vivem fora do mundo material, quando ele próprio se

(32) O Livro dos Médiuns, 1ª. parte, cap. III, § 21.

*considera apenas matéria? Como pode ele crer na existência de espíritos à sua volta? Se não admite o seu próprio espírito? Em vão se acumularão aos seus olhos as provas mais palpáveis que ele contestará, porque não admite tal princípio. Todo o ensino metódico deverá partir do conhecido para o desconhecido; para o materialista, o conhecido é a matéria; parti, pois, da matéria e procurai antes de tudo demonstrar-lhe que há nele próprio alguma coisa que escapa às leis naturais; numa palavra, antes de torná-lo **espírita**, procurai fazê-lo **espíritualista**; mas para isto, torna-se necessária outra ordem de fatos, devendo-se proceder, por outros meios a um ensino muito especial; falar-lhe de espíritos antes de ele estar convencido de que tem uma alma é começar pelo fim, pois ele não poderá admitir conclusões sem que aceite premissas. Antes, porém, de se tentar convencer o incrédulo, mesmo através dos fatos, devemos assegurar-nos da sua opinião sobre a existência da alma, ou seja, se ele crê na sua sobrevivência ao corpo, na sua individualidade após a morte; e se a sua resposta for negativa, então terá sido tempo perdido falar-lhe de espíritos. (33)*

Este "ensinamento muito especial", ao qual Allan Kardec faz alusão e consiste em começar pelo começo, conforme mais tarde o afirmou Alexandre

(33) O Livro dos Médiuns, 1ª. parte, cap. III, § 19.

Aksakof, Camille Flammarion, Ernesto Bozzano e Gabriel Delanne, destina-se, antes de tudo, ao estudo e à demonstração, nos seres vivos, de faculdades além das limitações corporais — demonstração que hoje em dia constitui a missão histórica da parapsicologia — daquelas faculdades que envolvem a atividade autônoma da alma.

São estes conhecimentos conseguidos através de uma investigação metódica do conhecido ao desconhecido, servindo a primeira demonstração de introdução ao estudo das manifestações póstumas, por uma aproximação de conclusões e a partir de premissas, e a segunda demonstração como complemento da primeira, ou seja, a sobrevivência da alma, tal como afirmou vigorosamente o grande filósofo Henri Bergson — perante qualquer decepção que possamos experimentar quanto aos parapsicólogos que se preocupam em não nos deixar sair do campo materialista — "se os fatos, estudados independentemente de todo o sistema nos levam, pelo contrário, a considerar a vida cerebral, a sobrevivência torna-se tão verossímil que a obrigação de a provar competirá antes àquele que o nega do que ao que a afirma porque, a única razão para crer na destruição da consciência após a morte é a visão da decomposição do corpo, e esta razão deixa de ser válida se a independência da quase totalidade da consciência relativamente ao corpo é ela própria também um fato." (34)

(34) Henri Bergson: *Fantasmas de Vivos e Investigação Psíquica* (discursos presidenciais na Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, 28 de maio de 1913), em *A Energia Espiritual* (Imprensa Universitária de França).